

Apresentação do dossiê O corpo-território e as políticas do afeto

Mayara Ribeiro Guimarães
Universidade Federal do Pará (UFPA)

André Masseno
Universidade de Zurique (UZH)

O presente dossiê, em seus doze artigos temáticos, buscou discutir o corpo para além de seu sentido como entidade biológica, pensando-o também como uma entidade histórica, atravessada por memória e conhecimentos pessoais e comunitários. O corpo aqui foi pensado, sobretudo como um território político (Pisano, 2011) que, entretanto, é por vezes apropriado por discursos, ideologias e práticas que desestruturam seus saberes individuais e coletivos. Neste caso, a exploração e opressão configuram-se como dispositivos historicamente institucionalizados que, por conseguinte, geram e sistematizam "geografias do terror" (Borzacchiello et al., 2022). Nas chamadas "guerras internas" produzem-se não somente a apropriação dos corpos e sua anexação quase como território, mas também sua condenação (Segato, 2016). Não obstante, em "tempos de paz" a opressão também é produzida pela invisibilização e extermínio de corpos femininos e feminizados, assim como de corpos racializados e/ou em trânsito migratório.

Em outra chave, a luta ambiental está diretamente ligada à preservação de um corpo que é também não-humano (animal, espectral, vegetal, mineral), um corpo-território pensado como coletivo e detonador de transformações. Resulta significativo que em contextos de conflitos eco-territoriais sejam as mulheres as que carregam o papel de defender a natureza (Silva Santisteban, 2017). Essa constatação abre a reflexão sobre como o extrativismo, por exemplo, afeta os corpos humanos e não-humanos e, de maneira diferenciada, a vida das mulheres em seus territórios, com ressonância em suas práticas políticas e em produções culturais diversas.

O corpo pode, assim, ser estudado a partir de diferentes modalidades de relação, tanto como território primeiro e individual, quanto coletivamente, pensado desde a biopolítica e seus efeitos como coletivo. Mas ele também pode ser pensado politicamente como um prolongamento da t/Terra, isto é, como corpo-terra (Haesbaert, 2020), em elo profundo com a natureza, como mostram diferentes culturas ameríndias. O corpo-terra-floresta é vivo, tem espírito e coração, respira, fecunda, mas também adoece, morre e reage (Kopenawa & Albert, 2015), isto é, afeta e é afetado, agencia e relaciona-se. A potência política do corpo-terra envolve pensar a ampliação da noção de sujeito para além do humano e suas interações com o espaço, abrindo o campo político para o não-humano, pensando a re-existência implicada na resistência. Em qualquer um dos casos, o corpo insere-se em experiências ou concepções múltiplas e amplas de tempo e espaço definidas na interação com outros seres e diretamente ligadas a processos culturais, ambientais, históricos e econômicos.

Neste sentido, a intenção deste dossiê foi repensar/discutir o corpo como entidade política, mais precisamente como um território de dimensão prática (Gago, 2019) e, sobretudo, mobilizada pelo afeto como elemento propulsor de transformação.

O afeto provocado pelas obras de arte está diretamente ligado à consideração da arte como uma força cultural política. Uma imagem, frase ou materialidade desempenham performances que

atuam gerando efeitos que, por sua vez, podem ser políticos, éticos e estéticos (Bal, 2019), colocando em relevo o potencial crítico de diferentes produções culturais que, no contexto atual latino-americano, contestam os diferentes modos de violência através dos afetos e da forma.

A arte e a escrita contemporâneas parecem lançar luz sobre tal problemática. A partir de suas diversas estratégias discursas e/ou visuais de representação, figuração, e de encenação do real, evidenciam o corpo como um campo de disputa, implicando afetos. Embora sejam evidentes as configurações da violência sobre múltiplas corporeidades, este dossiê buscou pensar as produções estéticas atuais que vêm promovendo uma subversão da ideia do fracasso e da violência. Muitas delas contestando a história oficial e colonial, a fim de vislumbrar e materializar outras possibilidades de narração e representação, especulando outros territórios possíveis pela corporeidade do afeto e seu caráter performativo.

Neste sentido, esta edição buscou pensar as relações entre corpo, território, escrita e as políticas do afeto em literaturas produzidas pelo sul e norte global, discutindo afetos e práticas políticas e culturais em torno de perguntas que fazem repensar a relação com o corpo, desde a modernidade até a contemporaneidade.